

LINGUAGEM: APROXIMAÇÕES ENTRE SKINNER E BAKHTIN

Sérgio Dias Cirino*

Ernandes José Guimarães**

PEREIRA, Maria Eliza Mazzilli. *O estudo da linguagem pela psicologia: uma aproximação entre Skinner e Bakhtin*. São Paulo: Educ, 2000, 244p.

O livro *O estudo da linguagem pela psicologia: uma aproximação entre Skinner e Bakhtin*, de Maria Eliza Mazzilli, chama a atenção logo de início pelo título, ao indicar um inesperado paralelo entre dois autores raramente estudados em conjunto. Na prática, os leitores de Burrhus Frederic Skinner freqüentemente desconhecem o trabalho de Mikhail Mikhaïlovitch Bakhtin e os leitores deste, quando muito, têm uma visão reduzida da obra de Skinner. Dessa forma, o trabalho de Maria Eliza, inicialmente apresentado como tese de doutorado no Programa de Psicologia da Educação da PUC de São Paulo, identifica pontos de convergência e divergência entre Skinner e Bakhtin.

O ponto chave que possibilita a análise aproximativa da obra dos dois

autores é a concepção de linguagem enquanto ação, comportamento, ou seja, o fazer verbal do sujeito. Notemos que, tanto para Skinner quanto para Bakhtin, a linguagem é um produto das interações dos sujeitos com o ambiente; portanto, social e em transformação contínua. Logo, fazem coro àqueles estudiosos que rejeitam a idéia da linguagem como reflexo de condições internas do falante.

Outro ponto de convergência entre os dois autores é o posicionamento quanto à definição de uma unidade de análise puramente formal no estudo da linguagem. Ambos se contrapõe à lingüística dita tradicional, que define "as

* Professor adjunto da FAE - UFMG.

** Discente de Comunicação Social da FAFICH - UFMG.

unidades da língua de acordo com critérios formais com base em morfemas, palavras, orações, etc.” (p.137).

Skinner e Bakhtin salientam a importância do efeito do ato lingüístico sobre o ouvinte, porém, divergem quanto a atuação desse efeito. Bakhtin argumenta que há uma intenção no ato lingüístico, uma finalidade na ação do falante. Para ele, “trata-se da influência do efeito presumido sobre o ouvinte, do efeito futuro sobre a produção verbal atual”. Skinner se opõe à noção de intencionalidade do comportamento, seja ele verbal ou não. Na sua proposta, “trata-se da influência do efeito sobre a probabilidade futura de respostas semelhantes, ou seja, da influência da história passada do sujeito sobre a sua ação futura”. (p.216).

O livro se divide em cinco partes. Na primeira, a introdução, argumenta-se a importância da aproximação entre Bakhtin e Skinner e é descrita a metodologia usada para a realização do trabalho. Ao aproximar esses autores, filiados a diferentes áreas do conhecimento – as ciências da linguagem e a psicologia – Maria Eliza põe em paralelo, relaciona e compara as idéias sem, contudo, reduzir um autor ao outro. A constatação inicial é a de que Bakhtin e Skinner concebem a linguagem como socialmente determinada e também como

ação do homem sobre o mundo. A seguir o leitor tem acesso a breves históricos de Bakhtin e de Skinner, bem como a uma relação das suas principais publicações.

O capítulo dois é dedicado a apresentar o pensamento de Bakhtin. Ao longo do texto podemos apreender os conceitos de interação verbal, enunciação e outros. Parte do capítulo é dedicada à elucidação do que ele chama de determinantes do enunciado, conceito este que proporcionará um dos pontos principais de divergência com Skinner. Observa-se que além da consulta às obras de Bakhtin a autora ainda recorre a importantes teóricos da linguagem como Tzvetan Todorov e Robert Stam. A seguir, no terceiro capítulo, é apresentada a análise skinneriana da linguagem. Alguns dos principais conceitos da teoria comportamental são descritos, subsidiando o leitor nas discussões mais complexas referentes ao comportamento chamado de verbal por Skinner. Assim como no capítulo sobre Bakhtin, Maria Eliza também recorreu a outros estudiosos da obra de Skinner como Jay Moore, Sigrid Glenn e Emanuel Tourinho.

O cerne do livro é o capítulo “Bakhtin e Skinner: uma aproximação possível no estudo da linguagem”. A construção desse capítulo se dá a partir de um constante confronto entre os conceitos elaborados por esses dois teóricos que trataram da

linguagem. Por exemplo, quando define o seu objeto de estudo no campo da linguagem, Bakhtin enfatiza o fazer verbal das pessoas, sua ação verbal, ou seja, a palavra realmente pronunciada. Skinner, por sua vez, afirma ser o seu objeto de estudo o comportamento do indivíduo que emite fala. Assim, o texto apresenta várias citações, seguidas de análises nas quais Maria Eliza constrói suas hipóteses a respeito da aproximação.

No último capítulo são reapresentados – agora de forma esquemática – os principais pontos de convergência e divergência entre Skinner e Bakhtin. Ao final, à guisa de um remate da obra, são tecidos comentários dando indicações de futuros trabalhos complementares que permitirão novas aproximações entre Bakhtin e Skinner e entre eles e outros autores que também se ocupam da linguagem.

Com o remate a autora não colocou um ponto final na discussão do tema, bem como não exauriu as contribuições de Skinner e Bakhtin para o estudo da linguagem. Vale, então, lembrar a apresentação do livro, escrita por Julio de Rose, professor da Universidade Federal de São Carlos, em que é contada a estória dos cegos e do elefante. “Alguns cegos queriam muito saber como era um elefante e conseguiram que o dono de um desses animais lhes permitisse

apalpá-lo. O primeiro cego, após tocar a tromba declarou que o elefante se parecia com uma corda. O segundo, todavia, após tocar as presas do paquiderme, discordou veementemente, assegurando ser o elefante parecido com uma lança. O terceiro cego, porém, sustentou que o elefante seria algo como um grande pilar, depois que tocara uma das patas da criatura. A questão tornou-se ainda mais controversa depois que outros cegos asseveraram que o elefante seria como um grande muro, ou como um grande leque, após terem tocado, respectivamente, um dos lados e a orelha do animal. Esta controvérsia desfez a amizade entre os cegos, que passaram o resto de suas vidas em ácida disputa, cada um convencido a ser o único a saber a verdade sobre o elefante.”

O que se pretende com essa estória é mostrar que há espaço para que estudiosos se debrucem sobre o estudo da linguagem sem, contudo, estabelecer a verdade visto que ela – provavelmente – está pulverizada nas diversas áreas do conhecimento. Logo a leitura do livro *O estudo da linguagem pela psicologia: uma aproximação entre Skinner e Bakhtin* possibilita que façamos parte dessa empresa, colaborando, assim, para uma maior compreensão dos fenômenos lingüísticos humanos.